

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O CINEMA CLÁSSICO DE DOROTHY ARZNER

12 e 14 de Dezembro de 2022

ANYBODY'S WOMAN / 1930

um filme de DOROTHY ARZNER

Realização: Dorothy Arzner *Argumento:* Zoë Akins a partir de uma história de Gouverneur Morris ("The Better Wife") *Fotografia:* Charles Lang *Som:* Jack A. Goodrich *Montagem:* Jane Loring *Música:* Karl Hajos (*não creditado*) *Interpretação:* Ruth Chatterton (Pansy Gray), Clive Brook (Neil Dunlap), Paul Lukas (Gustave Saxon), Huntley Gordon (Grant Crosby), Virginia Hammond (Katharine Malcolm), Tom Patricola (Eddie Calcio), Juliette Compton (Ellen), Cecil Cunningham, Charles K. Gerrard, Harvey Clark, Sidney Bracey, Gertrude Sutton, etc.

Produção: Paramount Pictures (EUA, 1930) *Cópia:* UCLA (restaurada), 35 mm, preto-e-branco, versão original legendada eletronicamente em português, 80 minutos *Estreia Mundial:* 15 de Agosto de 1930 *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

É tempo de mais uma rodada, à sétima longa-metragem Dorothy Arzner levava por diante a intensidade jovial do seu trabalho cinematográfico. Aí está como num filme que explora a potência narrativa do som, três anos depois da sua chegada a Hollywood, a dramaturgia aproveita a cenografia urbana das janelas ao nível dos edifícios de vários andares em dois momentos que rimam o começo e o desfecho da história de amor e desamor (ou vice-versa). Haverá calor e ventoinhas, drama, algum álcool e a sempre bem-vinda sagacidade americana Pré-Código. *Anybody's Woman*, que faz dupla na filmografia de Arzner com *Sarah and Son* – também de 1930, também com Ruth Chatterton e também a partir de um argumento da dramaturga e escritora Zoë Akins, com quem Arzner voltaria a trabalhar em *Working Girls* e *Christopher Strong* (antes do Pulitzer atribuído a Akins pela dramatização de *The Old Maid* de Edith Wharton em 1935) –, tem nas duas sequências em apreço momentos originais, com o engenho e a criatividade a bombarem enquanto assistimos ao encontro improvável das personagens de Chatterton e Clive Brook e ao ainda mais improvavelmente veloz pacto de casamento que celebram até que o filme os não separe.

Ela chama-se Pansy Gray, é jovem, compassiva, enérgica, tem modos populares, é artista de variedades – especificamente corista *Burlesque*, subgénero representado noutros filmes de Arzner que dão palco ao *showbiz*; ele Neil Dunlap, um advogado um pouco mais velho de um meio social mais abastado, aparência elegante mesmo quando trôpego, e espírito semi-embrutecido pelo desgosto e pelo excesso etílico com que tenta neutralizá-lo. O começo da história dá-se de madrugada, de janela para janela. Não passam dois minutos até termos um plano duplamente emoldurado por rectângulos e vãos de janela. Duas personagens do lado de lá, duas personagens do lado de cá. A abertura que deixa entrar o ar e a luz também deixa passar a vibração da voz e da música. Volta a ser assim no desfecho, depois de tudo o que acontece quando o recém-divorciado Neil passa a noite de casamento da ex-mulher a beber descobrindo-se casado com Pansy na manhã seguinte. Eles ainda lá estarão os dois, o som há-de voltar a circular entre janelas abertas para janelas, catapultado por uma brisa oportunamente direccionada. Os enquadramentos e os

movimentos de câmara voltarão a mostrar-se exímios, tirando bom partido do jogo de ditos e não ditos, visível e oculto, que circula pelas janelas “em esquina” de um amplo hotel nova-iorquino, a cotejar com as linhas mais paralelas dos planos da sequência do “primeiro” e mais modesto quarto de hotel. Mas dessa segunda vez não haverá música de baile nem picos de euforia, não haverá uma conversa decisiva à janela ainda que haja um abraço entre portas. Haverá sobriedade e palavras de amor, um trio e não um quarteto, reservando-se o pequeno final à personagem vencida do milionário humilde que não fica com a rapariga: é dele o último discreto plano e ele, Gustav Saxon, é a segunda personagem milionária do filme já que foi outro milionário (milionário-milionário) quem casou em segundas núpcias com a primeira mulher de Neil. *Anybody’s Woman* não é uma comédia, mas um drama de costumes em que o par protagonista enfrenta a brecha social e um casamento precipitado pelo estado de decepção amorosa em que se encontra a personagem masculina, ensimesmada na auto-comiseração. Em certo sentido, *Anybody’s Woman* (título repescado em 1981 por Bette Gordon, num provável aceno de cineasta a Arzner) é um esboço de *Merrily We Go to Hell* (1932), em que se encontram deslizos idênticos ainda que mais efervescência e domínio.

Se no filme com Sylvia Sydney e Fredric March, duas personagens em desigualdade de circunstâncias sociais, emocionais e sentimentais, o casamento revela o lado funesto – outra representação com nuances agudas nos filmes de Arzner –, a sua ocorrência dá-se em estado de sobriedade para ambas as partes e o encontro das personagens é um momento de puro brilho na noite em que se conhecem. Em *Anybody’s Woman*, a construção do filme diz-nos muito depressa que o casamento entre as personagens de Chatterton e Brook (uma seca elipse cujo relato se ouvirá mais tarde da boca de um dos protagonistas pondo o outro ao corrente) será uma prova a jogar no duplo terreno do passional e do social, em que Pansy se mete ciente do que está a fazer estando a deixar-se ir na possibilidade de uma oportunidade salvífica... E não de uma história de ascensão como todos parecem concluir sem surpresa, da irmã ao séquito de empregados da mansão de Neil, uma morada cuja arquitectura ilustra as regras do jogo.

Ao “Calem-no, por favor! Calem-no, por favor!” com que Pansy reage, impulsiva, ao impulsivo pedido de casamento de Neil, corresponderá aquilo que exprime ao perceber que o marido não faz a mínima ideia de que estão casados nessa manhã seguinte em que a irmã dele acorre tentando salvar a honra da família: “O que eu quero ou deixo de querer só me diz respeito a mim... e a ele”, até porque talvez ele fosse mais verdadeiro embriagado, na madrugada anterior, que nesse preciso momento em que a olha, e à irmã, sem saber o que fazer com o seu estado atónito. Essa sequência de confronto directo de Pansy com a realidade Dunlop é certa na definição da personagem, que também percebe que, não se lembrando Neil de nada da conversa que mantiveram à janela, de nada vale lembrar-lha por palavras. Mas agarra-se à oportunidade que vislumbra para os dois, e assim não se desfaz logo o matrimónio e se assenta a premissa de que os dois cônjuges podem fazer o que bem entenderem entretanto – resolução firmada de um trago por Neil. As peripécias seguintes são o estranho caminho que aquele casal percorre até conseguir encontrar-se. O tempo vai passando marcado em meia dúzia de intertítulos, sem nunca abrandar o ritmo vivo dos diálogos, a energia dos planos, a eloquência de algumas sequências e o estado de graça dos actores. A cena do jantar em que Mr. e Mrs. Neil recebem pela primeira vez alguns convidados em sua casa é exemplar aos vários níveis, e tão divertida como lancinante. Talvez mais lancinante, a complexidade intrínseca às situações e às personagens é o dado de relevo.

Maria João Madeira